



MARÉ DE HISTÓRIAS

Carina Martins Costa

Este livreto pertence a



Catálogo na fonte Rede Sirius de Bibliotecas da UERJ

C837 Costa, Carina Martins 1979 –

Maré de histórias / Carina Martins Costa. – Rio de Janeiro:
Rede Editora Gráfica, 2019.

48 p.: il.: 14 x 21 cm

ISBN:

1. Maré (Rio de Janeiro, RJ) – História. 2. Museu da Maré.
I. Costa, Carina Martins. II. Título.

CDU: 981.53(815.3) MARÉ
CDD: 981.53

Era uma vez...

Um tempo onde as casas ficavam sobre palafitas acima da maré. Construídas em madeira, eram altas e fncadas em quatro pés.

As memórias do lugar dizem que foi uma mulher muito corajosa, uma das primeiras moradoras do alto do Morro do Timbau, a comunidade mais antiga da Maré. D. Orosina construiu o barraco com suas próprias mãos para garantir a si e a sua família um teto.

São tantas histórias na Maré que uma linha não consegue esticar a multiplicidade de eventos e processos que ocorreram por aqui. O que teria sido esse espaço antes das invasões coloniais? Ninguém sabe direito. Ou, quem sabe, ninguém quis descobrir... O que sabemos é que na região da Maré teve fazenda, praia, colônia de pescadores, ilhas. Tanta coisa!

Também sabemos que foi no período do Estado Novo que uma grande avenida foi construída para ligar o Rio de Janeiro a São Paulo. Ela ficou famosa por dar título a uma novela que passou na televisão bem depois. Avenida Brasil, seu nome. E quem iria construir uma avenida de tantos quilômetros distante do centro urbano? Acertou se apostou em trabalhadores de fora do Rio. Migrantes. Homens



e mulheres que vieram para a “cidade grande” em busca de melhoria de condições de vida, educação e trabalho. A maior parte deles, nordestino.

A partir daí um novo tempo começou... Foram Marias, Josés, Raimundos, Sebastianas, Franciscos e muitos outros que trabalharam na construção da via e identificaram, na região desocupada e próxima, a possibilidade de moradia.

Erguida por trabalhadores e trabalhadoras, sem nenhum apoio do Estado, a Maré surgiu do suor, da criatividade e da tecnologia popular.

Ninguém lhe contou esta história? Pois saiba que o que não está ainda nos livros segue vivo nas memórias de quem aqui vive ou viveu. As lembranças vêm dos mais velhos e também dos documentos que nos ajudam a entender o passado.

A história que a história não conta

*“Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra”* [1]

Em 2019, a escola de samba Estação Primeira de Mangueira desfilou na Sapucaí o enredo “A história que a história não conta”, que fez o povo arrepiar e nos provocou a pensar: O que seria o avesso do mesmo lugar?

Você deve ter ficado curioso/a e está se perguntando: “O que será que o Museu da Maré tem a ver com essa questão?”. Por enquanto, só podemos adiantar que o Museu foi aberto em 2006 no lugar onde muitos anos atrás funcionou uma fábrica de reparos de navios: a Cia Libra de Navegação.

Mas não se engane! A sua história começa bem antes. Vamos ler o que os fundadores contam sobre esse projeto?

Em 1989, alguns jovens moradores da Maré criaram a TV Maré. O projeto tinha o objetivo de gravar em vídeo o dia a dia das comunidades e os depoimentos dos moradores. O material que a TV Maré produziu foi o início da formação do acervo de outro projeto chamado Rede Memória da Maré, desenvolvido pelo Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré, que a gente criou em 1997. Esse trabalho de valorização das histórias e das memórias dos moradores levou a gente a conhecer várias pessoas que trabalhavam em museus. O encontro com essas pessoas fez nascer o desejo de ter um museu na Maré. Mas os moradores também foram muito importantes para que esse desejo crescesse. Em 2004, a Rede Memória fez uma exposição no Museu da República, que fica no bairro do Catete. Alguns moradores emprestaram objetos pessoais para fazer parte da exposição. Quando ela foi desmontada, os moradores não aceitaram seus objetos de volta, dizendo que queriam ver na Maré o que tinham visto no Museu da República. Depois disso, foi só uma questão de tempo pra gente criar o Museu da Maré, o que aconteceu em 8 de maio de 2006.

CLÁUDIA ROSE RIBEIRO DA SILVA



O Museu da Maré foi inaugurado no ano de 2006 e tem como eixo central a sua exposição de longa duração que recebeu o nome de “Os tempos da Maré”. É uma exposição que resume, em doze espaços, memórias múltiplas, de vários tempos, e que permite o diálogo de objetos, lugares, histórias e imagens. Já se vão 13 anos... participei da concepção do museu e das mudanças que foram feitas, especialmente em 2013, quando renovamos a exposição original. Já visitei inúmeras vezes o museu, acompanhando grupos de diversos lugares, de várias faixas etárias, e também sozinho... Devo confessar que essa experiência é sempre emocionante. Nunca uma visita é igual a outra e, apesar do museu fazer parte do meu cotidiano, percorrer os tempos da Maré é sempre uma experiência nova e renovadora. Isso demonstra o vigor e a força da alma desse museu, sim, pois acredito que cada museu tem uma alma a nos provocar, a nos interpelar, a nos acompanhar e, acima de tudo, a nos impelir em direção ao futuro. Assim vivo o Museu da Maré.



ANTÔNIO CARLOS PINTO VIEIRA

Ao saber que nosso projeto, “Museu da Maré: Memória e Identidade”, havia sido contemplado pelo edital oferecido pelo Ministério da Cultura fiquei muito emocionado, pois agora era o Governo Federal defendendo e aprovando que a Maré tem o direito a ter suas memórias apresentadas em um espaço onde, tradicionalmente, a elite tinha direito. Mas, ainda assim, nada se compara ao dia da inauguração onde tudo estava montado e organizado. A minha impressão até hoje é que, ao entrar no Museu da Maré, entro num momento da minha história onde, mesmo com toda miséria da época, a felicidade de encontrar as pessoas que amo e que não estão mais vivas servem de energia e proteção para seguir firme nas minhas lutas.

LOURENÇO CEZAR



Desde a concepção, tudo foi meticulosamente pensado, com a confiança de que faríamos algo surpreendente. Isso tudo aliado a nossa certeza de que contávamos com a sensibilidade e genialidade do Marcelo Vieira para traduzir a concepção da exposição em uma maquete primorosa que acolheu todas as nossas expectativas. Não foi fácil, pelo contrário, foi muito difícil todo o processo, mas valeu a pena cada momento. Acompanhar o dia a dia da construção do barraco, receber o secador de panelas às vésperas da inauguração, o carrinho de rolimã que o garoto pegou escondido do primo para doar ao Museu (e tantas outras situações) foram momentos emocionantes e estão marcados em nossas vidas. As mulheres emocionadas, ajudando na arrumação dos móveis e utensílios do barraco, na noite anterior à inauguração, traduziam a infinidade de memórias carregadas para a exposição do Museu da Maré, o nosso Museu.

LUIZ ANTÔNIO DE OLIVEIRA

Quando fui chamado para fazer o projeto cenográfico, “expográfico”, do Museu da Maré, a primeira coisa que me veio à cabeça foi meu sentimento e olhar de criança. Tudo era grande, me sentia engolido pelas pessoas, casas, becos e ruas onde eu brincava e morava, por isso, a montagem é imersiva. Quando entram no museu, os visitantes têm a sensação de serem abraçados pela exposição, pelo barraco e pelo tempo da fé.

MARCELO PINTO VIEIRA

Você já deve ter ouvido dizer que “museu é lugar de coisa velha”, não é mesmo?! Você percebeu que os/as fundadores/as do Museu da Maré eram jovens quando criaram aquele lugar?

Olha o que elas e eles contam hoje sobre o significado do Museu.

O Museu da Maré tem um papel fundamental para esta comunidade, para a cidade do Rio de Janeiro e para o Brasil. O museu cumpre a missão de mostrar que estas pessoas têm direito à existência, resistência, luta, trabalho e identidade de um local, que sempre foi considerado dos excluídos e marginalizados por uma sociedade desigual, preconceituosa, homofóbica e racista.

MARCELO PINTO VIEIRA

O Museu da Maré é uma casa com vários cômodos. Dentro de cada um se encontra guardado um pouco da história e vivência dos moradores que souberam resistir!!

MARILENE NUNES

O Museu da Maré é o museu do SIM!!! Lá pode tocar... Lá pode gritar... Só não pode correr, é um museu, né? Temos que respeitar... Por definição, museu é o templo das Musas. Instituição dedicada a buscar, conservar, estudar e expor objetos de interesse duradouro ou de valor artístico, histórico etc. Mas quando as crianças adentram pelo Museu, euforia total... Gritaria e correria... enxergam tudo, mas não veem nada! Aos poucos vão se aquietando, olhares admirados e atentos começam a descobrir um cenário da realidade que inspira... próximo e familiar..., mas até então desconhecido!

MARCOS FONSECA (MARKITO)

O Museu da Maré representa as memórias dos moradores, e é um orgulho muito grande para minha família ter um arquivo de pesquisa com o nome de minha tia Orosina Vieira.

VERA MARTA ALVES DE CARVALHO

O Museu da Maré é uma extensão do quintal da minha casa. A exposição conta nossa história e as transformações até os dias de hoje. Já presenciei muitas pessoas emocionadas na hora da visita, porque lembram que mesmo morando nas palafitas elas foram felizes.

MARLI DAMASCENA

Este museu é mesmo um lugar para se guardar coisas velhas?

Ele é um museu sobre a favela ou da favela?

Quem cuida do museu?

Quem conta a História?

Na sua opinião, isso faz alguma diferença? Ou esse museu é igual aos outros?

Os objetos do Museu foram, em sua maioria, doados pela própria comunidade. Uma atividade muito legal é o “Chá de Memórias”. De quando em quando, toda comunidade é convidada a trazer um objeto ou mesmo chegar junto para contar suas memórias em relação ao que já tem por aqui.



Em 2014, a Cia Libra de Navegação não renovou o empréstimo do imóvel com o Museu. A comunidade se organizou em várias atividades: passeata, abaixo-assinados, semana da resistência, palestras, reportagens e twittaços para que o Museu permanecesse no mesmo lugar.



Em março de 2019, o Museu da Maré recebeu a propriedade definitiva do imóvel. Sem dúvida, uma grande conquista! Em maio, comemorou 13 anos com uma grande festa, que teve nome: "O Museu é nosso!".





Não se engane!
Museu não é só um
lugar de exposição!



Há setores muito importantes no Museu da Maré como, por exemplo, a reserva técnica, hemeroteca, arquivo *Dona Orosina Vieira*, biblioteca *Elias José*, brinquedoteca *Marielle Franco*. Ele também é palco de várias ações culturais, como contação de histórias, teatro, hip hop, capoeira, festas, cine debates, palestras, cursos etc.





Ops, museu na favela?

O que você pensa quando ouve as palavras **museu** e **favela**? Registre nos campos abaixo as ideias que vêm à sua cabeça.

SUA IDEIA DE MUSEU

SUA IDEIA DE FAVELA

Muita gente pergunta se favela precisa de um museu. Por trás dessa questão, podemos observar uma ideia de favela e outra de museu. Já parou para pensar nisso?

Será que tem gente que pensa diferente? Pergunte a alguém mais velho do que você e registre aqui também.

OUTRAS IDEIAS DE MUSEU

OUTRAS IDEIAS DE FAVELA

Ah, vamos pesquisar o que a imprensa fala também sobre museu e favela?
Cole aqui uma reportagem retirada de um jornal ou revista.



A large rectangular area defined by a dotted red border, intended for pasting a newspaper or magazine clipping.

Anote o nome do jornal ou revista, a data de publicação e a página em que encontrou a reportagem.

A smaller rectangular area defined by a dotted red border, intended for writing the name of the publication, date, and page number.

Uhm, agora responda:



As pessoas têm a mesma opinião sobre museu e favela?

Museus: de templos a tempos

Houve um tempo que os museus eram pensados como lugar para guardar coisas importantes de pessoas importantes. Lá a gente conhecia um vestido de princesa, uma fotografia do Imperador, uma cadeira do presidente ou uma farda de general.

Gustavo Barroso foi o fundador do Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro (RJ), e pensava assim em 1911: *“Já se faz necessária a criação de um Museu destinado a guardar relíquias de nosso passado, cultuando a lembrança dos nossos grandes feitos e dos nossos grandes homens (...)”* [2]

Geralda Armond foi diretora do Museu Mariano Procopio, em Juiz de Fora (MG), e pensava semelhante a Barroso, mas cá entre nós, com mais poesia: *“Os Museus do Brasil contam a História Pátria, na sua linguagem expressiva, vestidos de Tradição e de Beleza coeterna. São arautos da Verdade. (...)”* [3]

Haja letra maiúscula!! Mulheres? Cotidianos? Diversidade cultural? Saberes populares? Nem pensar em museus daquela época, não é mesmo?!

Conte para nós! Você conhece alguém que pensa de forma parecida? Aí é fácil entender porque tem tanta gente que acha que favela não precisa ter museu, não é mesmo?

Só que isso já mudou há muitooooooooo tempo. Surgiram e surgem novas ideias e propostas para pensar museus:

“O museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve” (Declaração de Santiago, 1972) [4]

“Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo atrás de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos culturais e pessoas diferentes” (Mário Chagas, 2010) [5]

Museu de Favela Museu dos Relacionamentos Terminados

Hoje, há uma imensa diversidade de ideias e práticas em relação aos museus.

Museu da Medicina
Museu das Remoções
Museu Penitenciário

Museu Aberto de Arte Urbana Ecomuseu de Santa Cruz
Museu da Loucura Museu do Circo Museu da Indústria
Museu dos Memes Museu Pavão-Pavãozinho e Cantagalo

Museu da Lâmpada

Museu do Futebol

Museu da Arte Mágica

Museu da Resistência

Museu do Brinquedo

Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos

A gente não poderia deixar de dizer que museus também morrem. Alguns, porque não fazem mais sentido. Outros, por guerras, saques e bombardeios. A História mostra que destruir o patrimônio é uma forma de silenciar memórias, enfraquecer a vitalidade de um povo, cortar as relações ancestrais e possibilidades de novos futuros. Nesse sentido, choramos muito o incêndio do Museu Nacional. As labaredas queimaram registros de nossa plural existência no território hoje conhecido como Brasil. A boa notícia é que pesquisadoras e pesquisadores estão empenhados na recuperação do que restou! E você? O que sentiu?

“Brasil, chegou a vez de ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês”

Outro acontecimento que entristeceu muito a comunidade da Maré foi o brutal assassinato da vereadora Marielle Franco, em 14 de março de 2018. Até hoje não sabemos quem mandou matá-la, embora os executantes estejam presos. Marielle era nascida e criada na Maré. Estudou e trabalhou no CEASM e era uma referência para seus moradores e todos/as que lutavam por um mundo melhor, mais justo e igualitário.

Por que sua voz incomodava? Como faremos para ouvir histórias que são interrompidas por tiros?

Acho que já deu para entender que museu não é lugar de passado, certo? No Museu da Maré, você verá muitas referências à memória de Marielle Franco. Lá temos o botequim do seu avô, a porta de seu gabinete de trabalho e várias homenagens em placa de rua, estêncil, estandartes e quadros. Marielle é semente que o Museu ajuda a disseminar.



Arte de Marcondes Rocco,
exposição Tempos de Marielle,
Museu da Maré, 2019

Tempos de memória, tempos de história

Tempo, tempo, tempo, tempo. Podemos medi-lo, podemos representá-lo em números, podemos percebê-lo nos objetos. Mas o tempo é igual para todos?

Muitas vezes, sentimos o tempo passar mais rápido quando estamos brincando; mais devagar fazendo uma coisa chata. Você acha que o tempo é igualmente percebido como os números apontam?

Podemos ver um objeto e nos lembrar de tempos que nem vivemos, não é mesmo? Então é possível imaginar outros tempos?

Podemos vender o tempo em nosso trabalho. Então tempo é dinheiro?

Podemos doar nosso tempo para sociedade. Então tempo é presente?

Temos presente, passado e futuro? Ou tudo é junto e misturado? Se o poeta diz ver “o futuro repetir o passado”, o que seria um museu de grandes novidades?

Que tempo temos no Museu da Maré?

O tempo da favela é percebido da mesma forma que no bairro da Zona Sul da cidade?

São muitas formas de responder a essas questões e o grupo do Museu da Maré decidiu contar assim...

Enquanto a gente pensava na exposição de longa duração do Museu da Maré, a Rede Memória do CEASM tinha preparado um calendário, em que cada mês tinha um tema. Por exemplo, no mês de março o tema era “mulher” porque 8/3 é o Dia Internacional da Mulher; já o mês de maio era dedicado aos trabalhadores; e junho, às festas juninas! Esse calendário recebeu o nome de “Família Maré” porque tinha fotos de famílias e depoimentos de moradores. Como a gente tinha pouco dinheiro, só foram reproduzidas 500 cópias do calendário. Mas ele fez tanto sucesso, que depois tivemos que fazer uma segunda edição! Tudo isso influenciou as conversas e as ideias sobre como seria a exposição do Museu. Então, a gente decidiu criar uma exposição com fotos, documentos e vários objetos que brincassem com o tempo. Cada tempo apresentaria um tema, como aconteceu no calendário. Assim, surgiu a exposição de longa duração “Os Tempos da Maré”, misturando passado, presente e futuro nos diferentes temas.



CLÁUDIA ROSE

Quer saber mais sobre os tempos da Maré?



TEMPO DA MIGRAÇÃO

MUITOS CHEGARAM NO PAÍ DE ABARR
OUTROS VIERAM NUMA TERCEIRA DE ITA
BODOVIÁRIA, LUGAR DE DESEMBARQUE
DE QUEM AINDA CHEGA.
LUGAR DE UM NOVO COMEÇO
INGÁ DE BACAMARTE, CODO, SAPÉ
CAMPINA GRANDE, SERRA BRANCA, IPÚ
CACHOEIRA ILGREG, SÃO FIDELIS, UBÁ...
TANTAS CIDADES E PESSOAS
SAUDADES, ESPERATIVAS,
ESPERANÇAS, MEMÓRIAS
DIFERENTES, TEMPOS
QUE AQUI SE ENCONTRAM.

TEMPO DO TRABALHO

TEMPO DA FEIRA

TEMPO DO MEIO

tempo da Casa

TEMPO DA RESISTÊNCIA

tempo da criança

Uma de suas histórias: lembre-se, não
Arrebolos, canoas, garras
Tudo, tudo, tudo, não
Crianças, crianças, crianças, para, não
Tudo, tudo, tudo, tudo
Menos, menos, menos, menos
Agora, criança, não, não, não, não
É a criança, onde, fica?...

Você pode adivinhar quantos tempos/temas existem na exposição de longa duração do Museu? Isso é fácil! Mas, mesmo assim, a gente vai dar uma dica: observe um calendário!

Tempo do
OTIDIANO

TEMPO
da
ÁGUA

MANGUEIS, ILHAS, BIODIVERSIDADE MARINHA

PIQUENIQUE, AREAL, BANHO DE MAR

REDES, BARCOS, PESCA, SUSTENTO

FESTA DE SÃO PEDRO, N.S. DOS NAVEGANTES, PROCESSÃO

BALANÇAS D'ÁGUA, ROI A-ROLA, BACIAS

LATAS NA CABEÇA, VARAIS

ATERROS, FÁBRICAS, POLUIÇÃO

E O FUTURO?...

TEMPO DA
FESTIA

TEMPO DO FUTURO

Passado, presente, futuro
Estes três tempos aqui se misturam
O que ainda não é, um dia será
Será a partir do ontem
Das lutas e conquistas,
Das memórias que resistem ao esquecimento
Será a partir do hoje,
Do trabalho, da coragem, do engajamento,
Do diálogo e da tolerância
Será a partir de políticas públicas
Políticas comprometidas com a transformação
Será a partir da prática da cidadania
Tempo do futuro, um tempo que já começou.

Caderno de comentários

Rio de Janeiro, 29 de maio de 2006

Adorei o museu, e gostaria de parabenizá-los pela bela iniciativa. Foi muito bom conhecer um pouco da história da maré e rever muitas das minhas brincadeiras de criança. Tássia Rabelo de Pinho

Nossa arte em extremo bom gosto - o cotidiano, a trajetória e a essência de famílias e pessoas - contada através de fatos, objetos e imagens que nos levam a um passado próximo e a um futuro de diversas visões. Ludmila 24/11/08

Rio, 01/08/2017

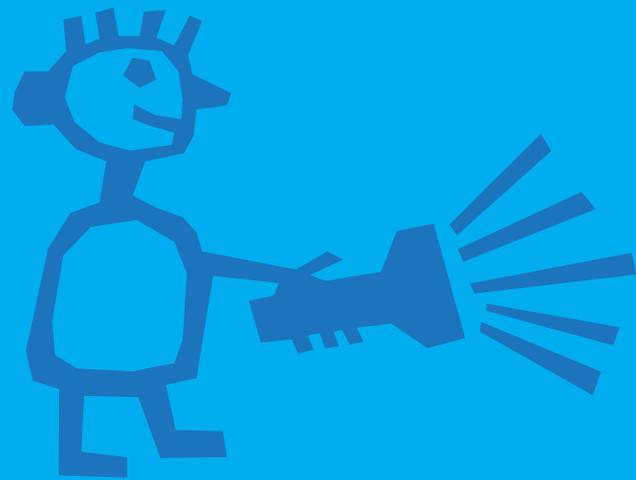
Hoje senti algo que trouxe a certeza de que temos que resistir!
Se você quer ser parte de sua comunidade, construa primeiro o chão, pois é a base, o alicerce de nossas vidas que transformam outras vidas. Siga adiante, Museu da Maré!!!
Aline Pessoa

Fonte: Cadernos de comentários, Museu da Maré.

É muito emocionante ler os comentários dos/as moradores/as e visitantes do Museu.

Cada visita é diferente!
Não se esqueça de anotar no caderno do Museu suas impressões!

Caderno de campo para o Museu da Maré



DIA DA VISITA

HORÁRIO

FUI COM

MEDIADOR

ANTES DE CHEGAR, ME SENTI

QUANDO CHEGUEI, ME SENTI

DEPOIS DA VISITA, ME SENTI

Vamos explorar?

A aventura na palafita

Atenção!!

Vamos entrar na palafita.

Suba os degraus com cuidado.

Observe os detalhes.



O que é este objeto?
Para que serve originalmente?
E aqui na palafita?



Há quantos tons de azul?
O que será que eles representam?



Vista aérea da Maré, década de 1970.
Acervo Museu da Maré/ CEASM

De que época é essa foto?
O que mais chama sua atenção nela?



Olhe pelas janelas!

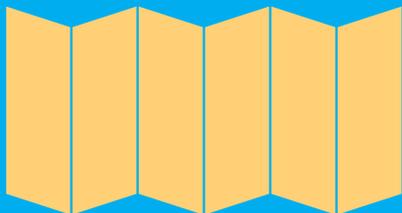
Entre na palafita

Já viu uma porta semelhante?
Por que ela se abre em duas?



O que vemos aí?
Desenhe aqui.

Vamos aprender?



1

Dobre uma folha em vários pedaços, como se fosse uma sanfoninha.

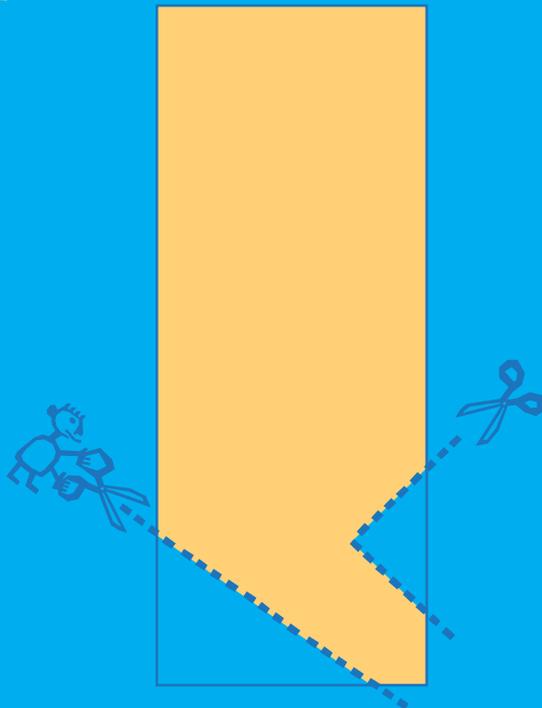
3

Ao final, abra o papel. Não é surpreendente?



Copie o desenho abaixo no papel dobrado e corte com cuidado.

2



Vamos relacionar as colunas?

Quem não tem eletricidade, caça com...

1 Como esfriar a água?

2 Como iluminar a noite?

3 Como cozinhar os alimentos?

4 Como passar a roupa?





Vamos registrar hábitos?

Converse com seus familiares sobre hábitos representados na palafita. Depois, assinale com um X se esses hábitos fizeram ou ainda fazem parte do cotidiano de sua família.

Hábitos	Antigamente	Atualmente
COAR CAFÉ NO COADOR DE PANO	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
OUVIR JOGO DE FUTEBOL NO RÁDIO	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
COSTURAR COLCHAS DE FUXICO	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
USAR PENICO	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
ESQUENTAR ÁGUA EM BULE DE ÁGATA	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
PENDURAR NA PAREDE CALENDÁRIOS DE LOJAS	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Vamos observar? Qual o pente que te penteia?

Você já viu esse objeto? Para que serve? Por que está ao lado do fogão?

Quem usava este objeto? Com qual finalidade? Atualmente, há algum objeto com finalidade semelhante?

Você usaria este objeto? Por quê?



Vamos imaginar? Olhe para baixo e imagine...

Como deveria ser o cotidiano nas palafitas?
O que acontecia quando a maré subia?
Quais medos você teria morando em uma palafita?
O que aconteceria se caísse algo no chão?



Vamos registrar?

Após conhecer o Museu da Maré,
desenhe, fotografe ou escreva:

Um objeto ou memória
que não conhecia

Um objeto ou memória
que o espantou

Um objeto ou memória
que você também tem

Um objeto ou memória
que você tem medo

Um objeto ou memória
que você gostaria de ter

Um objeto ou memória
que você guardaria para o
futuro

Vamos imaginar?

Vamos nos inspirar e fazer uma exposição imaginária a partir de sua cultura ou referência de patrimônio?

O que teria no “seu” tempo na casa?

Quais objetos seus estariam na exposição?

Quais objetos que você compraria?

Quais objetos pegaria emprestado de outros museus?

Vamos pesquisar?

**Ufa! Parabéns por todas as explorações!
Você arrasou! Agora, um dever de casa...**

1

Hoje, existem palafitas na cidade onde mora? E no Rio de Janeiro? E no restante do Brasil?

2

A moradia é um direito ou um privilégio? Pesquise o que diz a Constituição de 1988. Aqui vai uma dica: artigo 6º.

3

Há em sua cidade moradias que não são habitadas? Onde elas se localizam? Por que isso acontece?

4

Quais as políticas públicas destinam-se à moradia em sua cidade? Há movimentos sociais que lutam por ela? Como eles são tratados pela imprensa? E pela sociedade em geral?

5

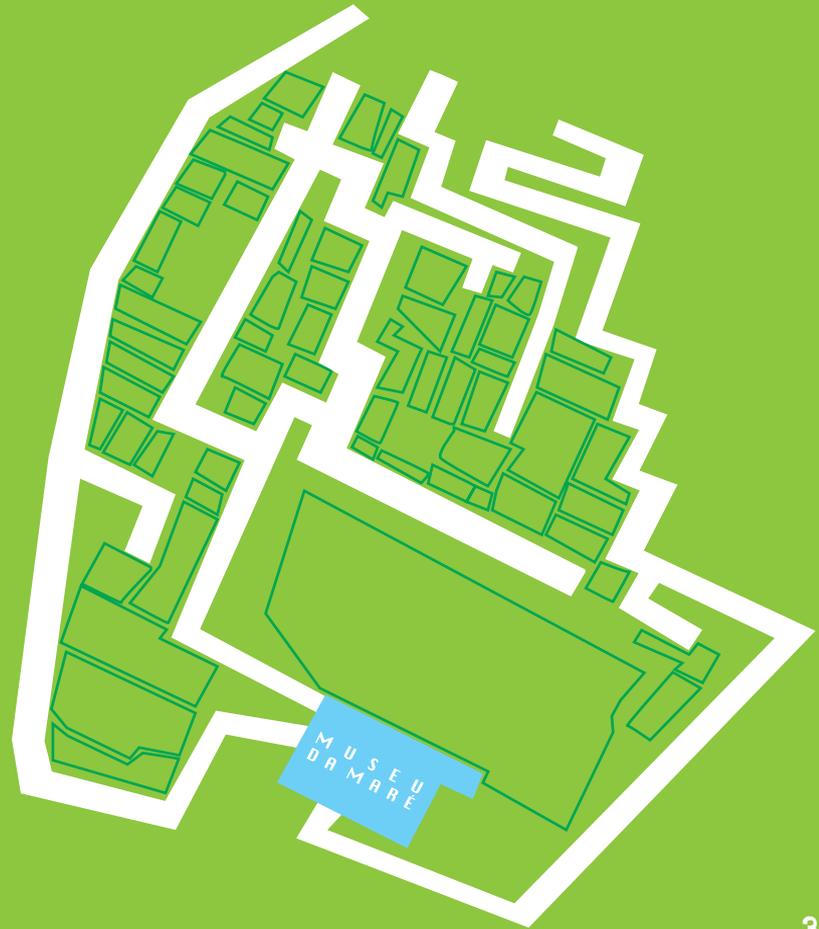
Em 2014, quando o Museu da Maré sofria ameaça de despejo, quais mudanças estavam acontecendo na cidade do Rio de Janeiro na época? Por que essas mudanças estavam acontecendo?

Almanaque



Jogo Labirinto da Maré

Ajude a criança a chegar no Museu da Maré. Encontre o melhor caminho no traçado da favela.





Jogo Caça-Comunidades

Oficialmente, o Complexo da Maré tem 15 comunidades, mas há outras duas que fazem parte de sua história. Vamos conhecê-las? Encontre as comunidades da Maré.

BAIXA DO SAPATEIRO
BENTO RIBEIRO DANTAS
CONJUNTO ESPERANÇA
CONJUNTO PINHEIRO
MORRO DO TIMBAU
NOVA HOLANDA
NOVA MARÉ
PARQUE MARÉ
PARQUE RUBENS VAZ
PARQUE UNIÃO
PRAIA DE RAMOS
ROQUETE PINTO
SALSA E MERENGUE
VILA DO JOÃO
VILA DO PINHEIRO
MARCÍLIO DIAS
MANDACARU

M T W U N C O N J U N T O E S P E R A N Ç A
O T I B C O N J U N T O P I N H E I R O E O
R S E V I L A D O P I N H E I R O S C T E M
R W A E I N N V N Y T S A R S D E E O E R D
O W M A N D A C A R U H R A U A T N P A Y K
D S A P L M N S D M A R C Í L I O D I A S V
O C N M A Y O P A R Q U E U N I ã O V U S N
T W R R R A V R O Q U E T E P I N T O T T S
I O É A O P A R Q U E R U B E N S V A Z E W
M N E T I I H I W F I H B L S F S O J S G F
B A I X A D O S A P A T E I R O T T R E M E
A D Y A V I L A D O J O ã O N A A N N O S S
U N P R A I A D E R A M O S E R M T N F E I
E T E F B E N T O R I B E I R O D A N T A S
E E C G E O D S A L S A E M E R E N G U E N
A R G D H S A K H O Y P A R Q U E M A R É I



Prancha Pedagógica 01



FICHA INFORMATIVA

OBJETO _____ Carro de rolimã
AUTOR _____ Desconhecido
MATERIAL _____ Madeira e ferro
ÉPOCA/DATA _____ Século XX
DIMENSÕES _____ 99x30 cm
AQUISIÇÃO _____ Doação
LOCALIZAÇÃO NO MUSEU _____ Tempo da Criança

PAUTAS DE LEITURA

- 01 O objeto é de uso no dia a dia?
- 02 Parece ser de que época?
- 03 Esse objeto é novo ou usado? Por quê?
- 04 Parece que foi comprado ou feito por quem o usou?
- 05 Por que ele está nesse local da exposição?
- 06 Quem pode ter feito este objeto?
- 07 Você conhece alguém que faça ou já fez um deste? Pesquise e conte histórias em relação ao uso desse brinquedo.
- 08 Como você imagina o uso do carrinho de rolimã na região da Maré?
- 09 Por que esse carrinho foi guardado e doado para o Museu?
- 10 O que mais gostaria de saber sobre esse objeto?



Prancha Pedagógica 02



FICHA INFORMATIVA

OBJETO _____ Papéis de fado
AUTOR _____ Sr. Francisco
MATERIAL _____ Papel
ÉPOCA/DATA _____ Século XX
DIMENSÕES _____ 20x30 cm
AQUISIÇÃO _____ Doação
(família do Sr. Francisco, avô da vereadora Marielle Franco)
LOCALIZAÇÃO NO MUSEU _____ Tempo do Cotidiano

PAUTAS DE LEITURA

- 01 Você imagina o que são estes papéis com anotações?
- 02 Você consegue ler alguma dessas anotações? O que tem escrito?
- 03 Faz parte do dia a dia de sua família esse sistema de pagamento?
- 04 Você já foi em algum comércio que aceitava esta opção de pagamento?
- 05 Estes papéis ficam no “Tempo do Cotidiano”. Por que será?
- 06 De qual época poderiam ser estes papéis?
- 07 Hoje este sistema de pagamento é utilizado?
- 08 Por que ele era importante para o comércio local?
- 09 Por que será que esses papéis foram guardados pelo Sr. Francisco?
- 10 O que mais você gostaria de saber sobre esses papéis?

Jogo da Memória

IDADE acima de 8 anos
PARTICIPANTES 2 ou mais
CARTAS 60 (30 pares)

GUIA DE USO

- 01 Retirar as cartas do jogo da memória nas próximas páginas com cuidado para não rasgá-las.
- 02 Misturar e distribuir as cartas sobre uma mesa, com os desenhos virados para baixo.
- 03 Fazer par ou ímpar para ver quem começa o jogo.
- 04 Se o jogador conseguir encontrar as relações entre as cartas, tem o direito de jogar outra vez.
- 05 As relações possíveis são:
 - AZUL:** Dois objetos idênticos.
 - VIOLETA:** O mesmo objeto em perspectivas diferentes.
 - ROSA:** Objetos complementares.
 - VERMELHO:** O mesmo objeto em diferentes temporalidades ou culturas.
 - LARANJA:** O objeto e contexto de uso e/ou exposição.
- 06 Quando o jogador virar as duas cartas e os desenhos não se relacionarem, passar a jogada para o outro participante.
- 07 As cartas que formarem par devem ser retiradas do jogo e contam como ponto para o participante.
- 08 O jogador que reunir mais pares é o ganhador.
- 09 Após o jogo, guardar as cartas no envelope para que não as perca.
- 10 Para maior durabilidade, as cartas podem ser plastificadas ou coladas em isopor ou E.V.A.

ABA DO ENVELOPE

DOBRAR

DOBRAR

COLA

MODELO DE ENVELOPE

COLA

DOBRAR

DOBRAR

COLA

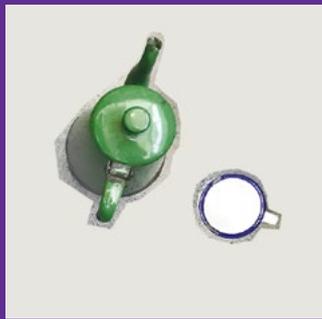
MODELO DE ENVELOPE

COLA

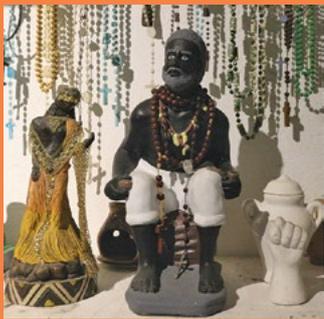












Créditos

ORGANIZADORA/AUTORA Carina Martins Costa

PROJETO GRÁFICO Lílian Ximenes

REVISÃO Paula Martins Costa

REVISÃO DE CONTEÚDO Adrielly Ribas Moraes, Cláudia Rose Ribeiro da Silva, Flávio Vidaurre, Luiz Antônio de Oliveira, Marilene Nunes, Marli Damascena, Vanessa Greff e Yago Melo

DEPOIMENTOS Antônio Carlos Pinto Vieira, Cláudia Rose Ribeiro da Silva, Lourenço Cezar, Luiz Antônio de Oliveira, Marcelo Pinto Vieira, Marcos Fonseca (Markito), Marli Damascena, Marilene Nunes e Vera Marta Alves de Carvalho

FOTOS Caroline Fernandes Martins, Marli Damascena e Victor Hugo Martins

FOTOS HISTÓRICAS Arquivo Dona Orosina Vieira

ILUSTRAÇÕES Lílian Ximenes e Marcelo Pinto Vieira

PRANCHAS PEDAGÓGICAS Carina Martins, Mellany Pessanha e Viviane Fernandes (bols. PIBID/CAPES)

AGRADECIMENTOS A todos/as participantes das Oficinas “Maré de Histórias” e “Jogando na Maré” que contribuíram com propostas, ideias e sugestões.

FINANCIAMENTO FAPERJ

Como visitar o Museu da Maré

 Av. Guilherme Maxwell, 26, Maré
Rio de Janeiro / RJ

 **TELEFONE** (21) 3868 6748

 **E-MAIL** contato@museudamare.org.br

 **DE ÔNIBUS**

Pegar qualquer ônibus parador da Av. Brasil (pista lateral), descer na Passarela 7 (referência: Escola Municipal Bahia). Entrar na Av. Paris, virar à direita e seguir por cerca de 5 min. pela Av. Guilherme Maxwell.

 **DE CARRO**

Consultar aplicativos

**Quer acessar
a bibliografia
completa deste
projeto?**



Acompanhe o Museu da Maré



facebook.com/museudamare
instagram.com/museudamare
twitter.com/museumare

FINANCIAMENTO



FAPERJ

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

APOIO



ceasm



**MUSEU
DA MARÉ**